

A CRISE DO PERTENCIMENTO: RITUAL E DRAMA SOCIAL NA OBRA E NA VIDA DE VICTOR TURNER

Andréia Vicente da Silva

Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPCIS/UERJ)

RESUMO: Neste artigo analiso os conceitos de drama social e de ritual, aplicando-os às etapas da vida e da obra de Victor Turner. O contraste entre essas duas esferas de sua vivência, assim como as teorizações produzidas por ele, nos levam a afirmar que experiências de ruptura e aflições sofridas por este autor/ator social o levaram a outras formas de observar e atuar no mundo. Essa nova sensibilidade foi adquirida após seu trabalho de campo com os Ndembu. A partir deste momento, o drama social de seus “nativos” tornou-se, de certa forma, seu próprio drama e toda sua trajetória, refletindo as dúvidas e as certezas de um grande antropólogo envolvido num aflitivo “ritual” de mudanças e decisões fundamentais.

PALAVRAS-CHAVE: Drama social. Ritual. Experiência.

Introdução

For in him there was, most unusually, no apparent distinction between life and work (Mathieu Deflem, 1991).¹

Victor Turner foi um grande antropólogo. Sua vida foi marcada por muitas mudanças. Algumas são significativas para o artigo que ora apresento. Com este estudo, pretendo relacionar o desenvolvimento do conceito de drama social e de ritual à história de vida de seu autor. Para mim, torna-se elucidativo pensar as fases teóricas da obra turneriana e confrontá-las com as mudanças e rumos tomados a cada período de sua vida. Desta forma, compreende-se como decisões tão importantes foram sendo tomadas e como estas se refletiram no percurso de sua produção teórica.

Aqui neste artigo me deterei em três obras turnerianas: *Lunda rites and ceremonies* (1953); *Schism and continuity in an African society* (1957); *Betwixt and between: o período liminar nos ritos de passagem* (1964). Os dois primeiros textos fazem parte do período de vida no qual Turner estava comprometido com a “Escola de Manchester”. O último texto foi escrito um ano após o autor deixar esta instituição. Embora neste estudo eu discuta mais profundamente seu texto de 1957, o recurso contrastivo entre escritos me ajudou a pensar o curso de sua produção. Considero a reflexão exposta nestas obras iluminadoras dos períodos e

¹ Meu texto segue a sugestão de Mathieu Deflem em sua análise do ritual turneriano.

das escolhas tomadas por Turner no curso das transformações maiores sofridas pela antropologia social inglesa em meados do século XX.

1. Um pouco de história: Victor Turner e a antropologia

Farei agora um breve memorial da vida de Turner. As informações apresentadas aqui serão imprescindíveis para a elaboração do argumento central deste artigo, a saber: Victor Turner passou por experiências em sua vida que transformaram sua compreensão e a apreensão dos dramas sociais e dos processos rituais. Há uma ligação intrínseca entre sua vida e sua obra que só será revelada se seguirmos a trilha de sua produção em contraste com sua vivência familiar e acadêmica.

Victor Turner nasceu em 1920, na Escócia. Ele era filho de Norman Turner, um engenheiro elétrico e de Violet Witter, fundadora e atriz do Teatro Nacional Escocês. Cresceu em território escocês até que, em 1931, com 11 anos mudou-se para a Inglaterra. Nessa primeira fase de vida inglesa, Turner morou com seus avós, pois seus pais haviam se separado.

Aos 18 anos foi estudar língua inglesa e literatura no College of London, curso que concluiu em 1941. Em 1943, casou-se com Edith Davis, depois Edith Turner, com quem ficaria por toda a sua vida. Após a segunda guerra mundial, os historiadores da antropologia nos contam que Turner morava em uma caravan (carro que serve de casa) com a esposa e seus dois filhos (Barrie, 1998). Nesta época, ele tinha o hábito de frequentar a livraria pública, onde teve contato com duas obras inspiradoras: *Come of age in Samoa* (1928), escrita por Margareth Mead e *The Andamans Islanders* (1922), de Radcliffe-Brown.

Aqui, segundo minhas interpretações, abre-se o espaço para a primeira virada na vida de Turner. Acabara de assistir a uma guerra mundial onde conflitos e dúvidas povoavam a mente de todos; tinha dois filhos e uma esposa que juntamente com ele habitavam um *trailer*. Naquele momento extremamente difícil, nosso autor se depara com duas obras poderosas. São tentativas de compreender o outro e as diferenças. Turner se inspira nessas produções antropológicas, em suas próprias dúvidas e resolve estudar antropologia. Esse primeiro passo, essa primeira experiência, possibilitaria muitas outras.

Em 1949 ele recebe o título de antropólogo. Logo em seguida, foi convidado por Max Gluckman, antropólogo e membro do Rhodes-Livingstone, para se mudar para a África e fazer um trabalho de campo, num local escolhido pelo mestre. Turner aceita o convite e passa praticamente 5 anos fora da Europa. Em 1953, escreve o texto *Lunda rites and ceremonies*,

que já era um resultado preliminar de seu trabalho de campo entre os Ndembu. Depois desse período, em 1957, publica *Schism and continuity*².

A segunda virada na trajetória turneriana dá-se nesse ponto. Havia feito uma mudança espacial grandiosa em sua vida: da Escócia para a Inglaterra, e desta para a África colonizada. Nesta segunda virada nosso autor se deparou com uma forma de vida totalmente diferente daquela que ele vivenciara na Europa. Teve contato com inúmeros rituais e manifestações de crença. Ao sair desta experiência, nosso autor não seria mais o mesmo. Muitas idéias haviam sido mudadas e certezas repensadas.

No mesmo ano da publicação de seu primeiro trabalho completo, Turner rompe com o marxismo, em seguida se alia ao Partido Comunista do qual sai após sua conversão ao catolicismo. Alguns autores ligam sua conversão religiosa à influência dos símbolos Ndembu em sua forma de ver o mundo e a vida.

De 1957 até 1963 foi professor da Victoria University of Manchester. Pertenceu ao Center for Advanced Behavioral Sciences at Stanford University. Em 1964 publicou *Betwixt and between*. A publicação deste texto marcou a terceira virada da vida de Turner, importante para meu argumento. Aqui, ele teve maior liberdade para se dedicar ao estudo dos rituais. Esse enfoque já havia sido sinalizado por ele desde seu trabalho de campo entre os Ndembu, porém os vínculos institucionais adquiridos por Turner em sua trajetória profissional o impediam de fazê-lo. Em 1968 se tornou professor da University of Chicago e publicou seu livro *Floresta de símbolos*.

A carreira de Turner prosseguiu e ele produziu inúmeras obras. Porém, por questões metodológicas somente analisarei sua trajetória até este momento. Essa divisão temporal se dá justamente porque desejo focar minha atenção no núcleo estrutural-funcionalista de sua produção. Segundo Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti (2008), a primeira fase da carreira de nosso autor vai de 1957 até 1968. Turner morreu em 1983 de um ataque cardíaco².

2. Continuidade institucional: a experiência da produção de uma dissertação sob a égide do Rhodes-Livingstone Institute

2.1. O Rhode- Livingstone Institute, seu diretor e suas áreas de investigação

² No fim do texto há em anexo uma pequena linha do tempo que ilustra a vida pessoal e a carreira acadêmica de Victor Turner. Meu objetivo com este esquema é marcar as etapas por mim discutidas como convergências entre as mudanças processadas nas duas esferas da vida do autor.

Considero fundamental contextualizar o lugar de onde Turner falava quando escreveu sua obra *Schism and continuity*. Para tanto, volto no tempo e refaço brevemente a trajetória do Instituto Rhodes-Livingstone e de Max Gluckman, seu diretor, e grande orientador de Turner durante a primeira fase de sua carreira.

O Rhodes-Livingstone Institute foi fundado em 1938. Em 1939, Max Gluckman se transferiu para a África Central e juntamente com Godfrey Wilson se dedicou ao instituto de pesquisas. De 1942 até 1947 Gluckman foi diretor do instituto. Era uma pessoa muito forte e suas idéias foram abraçadas por todos aqueles que pesquisaram naquela casa. Entre as preocupações de Max Gluckman estava o contexto total da sociedade, incluindo as influências de brancos, indianos, dos administradores coloniais e do contato destes com os habitantes das aldeias africanas. Em sua obra *Rituais de rebelião no sudeste da África* (1954) ficou clara sua compreensão da estrutura social. Para ele, os ritos de rebelião revelavam tensões entre diferentes princípios estruturais presentes na sociedade suazi. Ao expressá-los nos rituais de realza, os suazi confinavam estes conflitos numa situação específica que não prejudicava a vida da comunidade e sua reprodução.

Seguindo suas idéias, em 1945 Gluckman escreve o *Plano de pesquisa do Rhodes-Livingstone*. Nas trinta e quatro páginas que compõem este plano Gluckman fala das pretensões e dos temas de pesquisa que mais lhes interessavam. Dentre as propostas estavam: estudos sobre a organização da mudança social; a formação de novos grupos e relações; o reflexo das mudanças nas crenças religiosas e morais e outros valores da sociedade (GLUCKMAN, 1945, p. 8).

Foi justamente neste último ponto que Victor Turner iniciou seu primeiro texto sobre os Lunda. Dizia ele: “em muitas partes da Rodésia do Norte as idéias da religião antiga e práticas dos africanos estão morrendo, a partir do contato com o homem branco e no seu curso”³ (TURNER, 1953, p. 336)

Nosso autor, se propôs a fazer uma reconstituição dos ritos e das cerimônias que faziam parte da vida Lunda. Turner enumerou dois tipos de rituais que compunham o sistema lunda: os ritos de crise de vida e os ritos de aflição. A análise de Turner estava concentrada nas características de cada ritual e no seu papel na vida dos lundas. Ele fez uma análise mais genérica. Não citou nomes, apenas os papéis sociais dos atores envolvidos nos ritos: o paciente (homem ou mulher); a família do paciente (matrilinear ou patrilinear) e outros lundas que participam das festivais públicos (TURNER, 1953, p. 378).

³ Tradução minha. Todas as citações a partir das obras *Ritos e cerimônias lunda* e *Cisma e continuidade* são feitas a partir de uma tradução livre.

Os ritos de crise de vida marcavam o desenvolvimento físico ou social de um indivíduo, como nascimento, puberdade e morte. Já os ritos de aflição eram aqueles feitos para sanar problemas de saúde e desempenho de tarefas gerados pela ação de espíritos de mortos. Turner narrou vários ritos. Primeiro os de crise de vida: Mukanda – iniciação masculina; Nkang'a – iniciação feminina; Mung'ong'i - cerimônia funerária. Logo em seguida descreveu os rituais de aflição: cultos de caça; cultos de fertilidade – Nkula, Wubwang'u, Isoma e Chihamba.

Nesse seu primeiro trabalho, Turner demonstrou que sua principal preocupação era compreender como os rituais funcionavam no contexto de vida dos Lunda. Ele analisou as músicas, os medicamentos, os objetos, os atores participantes, os instrumentos musicais e o estilo de cada um dos ritos. Estava extremamente interessado no simbolismo e nos objetos utilizados em cada ritual. Fez um extenso retrato da vida ritual lunda, dando aos leitores um panorama geral. Neste panorama ficou clara sua preferência pelo tema ritual.

Desde a escritura deste trabalho até a publicação de seu livro *Schism and continuity* se passaram quatro anos. Nesse período, Turner terminou seu trabalho de campo, pesquisou no instituto e escreveu seu texto. Compreendo perfeitamente a ligação daquele pesquisador às demandas de pesquisa do centro ao qual estava filiado. Turner recebeu o convite para o trabalho, os recursos financeiros, alguns dados etnográficos e estatísticos. Essa estrutura foi muito importante naquele momento de sua trajetória. Nada mais coerente que seguir as normas daquela instituição na confecção de sua tese. Além disso, havia nele uma crença nos princípios que iluminavam o estrutural-funcionalismo, era sua escola. Victor Turner não foi o único. Vários bolsistas seguiram a inspiração do instituto (Van Velsen, por exemplo) e publicaram trabalhos que expunham uma uniformidade de temas que se concentraram principalmente na vida da aldeia e nos processos de conflitos (KUPER, 1978, p.179).

Outro recurso criado pelos pesquisadores do instituto foi o uso “do método do caso desdobrado”. Van Velsen (1967, p. 129) expôs que com o uso da “análise situacional”, os antropólogos do período se preocupavam principalmente em incorporar o conflito como parte normal do processo social e não como exceção. Gluckman também afirmou que com o uso dos “casos ampliados” é possível observar como incidentes específicos ligados às mesmas pessoas ou grupos num período de tempo maior se mostravam relacionados com o desenvolvimento e a mudança das relações sociais entre essas pessoas e grupos. O uso da diacronia em conjunto à sincronia faria surgir um sistema social menos rígido e mais complexo (GLUCKMAN, 1959, p. 68 – 69).

Dentro dessa esteira conceitual e dos preceitos etnográficos do instituto é que em 1957 foi publicado *Cisma e continuidade*. O prefácio foi escrito pelo próprio Max Gluckman.

Nessa obra pode-se observar como foi feito o tratamento dos rituais dentro do contexto dos dramas da sociedade Ndembu.

2.2. Cisma e Continuidade: o tratamento dado aos rituais a partir dos dramas sociais

Turner dá especial atenção à estrutura da vida social Ndembu em sua dissertação. Primeiramente, ele desenvolve uma longa exposição, repleta de dados estatísticos e etnográficos, sobre a constituição dos grupos sociais. É através de dados obtidos na genealogia e na estatística que ele justificou sua escolha por uma aldeia específica num universo de aldeias que compunham a “nação Ndembu”. Ponto muito importante para a compreensão do funcionamento dessa sociedade são dois pares fundamentais da estrutura da aldeia Mukanza, que se tornou sua base de análise: a família matricêntrica, onde o vínculo fundamental é entre a mãe e o filho, e o casamento virilocal, no qual a esposa vai morar na aldeia do marido e seus filhos vão ser criados na matrilinearidade do pai.

Esse modelo de constituição social causava uma enorme instabilidade. Afinal, havia uma ligação muito forte entre os irmãos (siblings uterinos) durante a infância e quando a mulher se casava, era separada de seu irmão havendo nela sempre um desejo de voltar para seu primeiro lar; além disso, quando os filhos cresciam iam viver com o tio na família matricêntrica da mãe, que tornava-se seu grupo por afinidade e a mãe tinha sempre desejo de estar com seus filhos. Esses dois fatores foram geradores de um grande número de divórcios entre os Ndembu, causando, da mesma maneira, uma rivalidade entre marido e tio na aquisição de mais membros para seu grupo familiar. Essa rivalidade marido e tio também era fomentada pelo desejo de liderança e pelas aspirações individuais de poder. Quanto maior a família na qual o homem estava inserido, maiores suas chances numa futura candidatura à chefia da aldeia. Porém, este não é o único fator, como já expliquei acima.

Para Turner, a instabilidade era um componente básico da Vila Mukanza que era estabilizada pelo comportamento ritual⁴. Porém, deixarei o ritual para depois e começarei pelo conceito de drama social.

Uma das inovações feitas por Turner em seu trabalho foi justamente nomear os atores do drama social. Em sua narrativa podemos observar os indivíduos em ação. Conhecemos seus

⁴ A instabilidade que advém do conflito está presente em vários trabalhos dos bolsistas do Instituto Rhodes-Livingstone. Vários textos abordam o conflito e tentam interpretá-lo. Hilda Kuper, Meyer Fortes, Thomas Beidelman, cada um a seu modo, vão interpretar o conflito e os rituais nas sociedades africanas.

nomes, sua personalidade, seus dramas pessoais, sua parentela, seus desentendimentos. Através desse recurso Turner aproxima o leitor do enredo que ele quer demonstrar.

É interessante olhar o trabalho de Turner em confronto com outros trabalhos da escola funcional-estruturalista. Hilda Kuper (1944), por exemplo, fez uma análise primorosa de um rito de realeza entre os suazi e apenas citou as funções sociais dos indivíduos envolvidos. Não houve dedicação na descrição das personalidades dos atores. O que importava para ela eram as funções sociais. Para Turner, cada personagem e sua personalidade influenciavam no desdobramento do drama social.

Cito dois exemplos, retirados de sua dissertação:

1. Sandombu: um dos motivos pelos quais ele desejava ser líder era o fato de ser estéril. Pessoas estéreis não transmitem seus nomes aos descendentes e desta maneira, não são lembrados nos rituais. A memória a respeito dele morreria para sempre. A única forma através da qual ele poderia manter seu nome vivo era a aquisição de uma posição política.

2. Kahali: sua pobreza na velhice se explicava por sua deficiência física. Não tinha uma perna e por isso se locomovia com o uso de uma bicicleta. Durante a juventude havia sido um grande caçador com arma e um grande homem da lei. Porém, neste período não conseguia obter alimento sozinho, necessitando da ajuda de outros.

Através desses dois personagens, posso observar a tática desenvolvida por Turner para dar movimento ao contexto e demonstrar os sentimentos de cada indivíduo. Ele explorou as informações do micro ao macro. Há dois movimentos que seguem a narração dos cinco dramas descritos. Primeiro, são apresentados os problemas entre indivíduos, seus parentes e afins que se envolvem na disputa até que se tenha uma solução. Num segundo momento, ao fazer a análise, Turner amplia o foco de problematização e explica sempre o caso a partir da estrutura da vila. Deste modo observo a superposição de elementos: do aparente (intriga entre indivíduos) ao latente (crise na estrutura da aldeia).

No decorrer da narração de cada drama, percebo ainda outros dois movimentos: primeiro o revelar de uma crise tanto individual quanto grupal; segundo a evolução das relações individuais e da estrutura da vila. Posso explicar melhor: o drama social sempre revela uma crise. Para resolver essa crise é necessário um momento de auto-reflexão que gerará uma mudança (acomodação ou quebra). Essa mudança se processa tanto no indivíduo quanto na estrutura da aldeia. Afinal, a estrutura é vista como um organismo, composto por células, que se movem e se adaptam as transformações mais gerais. Se um componente se transforma, toda estrutura se move. Turner nomeia a mudança como “o progresso do tempo estrutural, onde a célula vilareja, a exemplo de um corpo, se desenvolve” (TURNER, 1957, p.

148). Observa-se a presença de idéias evolucionistas pois ao afirmar que a evolução acontece na estrutura, imediatamente afirma-se que existem patamares mais avançados a serem alcançados⁵.

O entendimento e a incorporação do conceito de evolução social, uma das grandes preocupações dos pesquisadores do período, está presente neste ponto da análise. O drama é o desenvolvimento natural de um sistema social: pode ser index ou veículo de mudança. Será através dele que haverá o movimento dinâmico da estrutura no tempo e no espaço. Neste percurso, pode haver um realinhamento de relações nos pontos mais críticos do sistema mas, por outro lado, pode acontecer a manipulação dos conflitos para a vantagem de interesses de alguns.

A questão da mudança social já havia sido sinalizada por Gluckman durante a elaboração de seu plano de trabalho para o Rhodes-Livingstone como apresentei acima. A inovação proposta por Turner, parte de algo já pensado, para dar lugar aos dados e aos estudos de caso na elucidação da estrutura em movimento. Ele consegue inserir a temporalidade e dá um grande passo no uso dos casos estendidos. (GLUCKMAN, 1959, p.72).

Quero chamar atenção para o caráter inovador dos estudos de Turner. Muitas vezes pensamos que a genialidade está apenas ligada a criação de idéias e objetos novos. Aqui temos a visualização de um caso, no desenvolvimento teórico da antropologia britânica, onde toda uma escola, em trabalho conjunto, consegue transformar uma idéia. Em etapas de estudos sucessivos, observa-se o uso de materiais novos até a culminância destes na obra de Turner. É na interação com o meio, que se cria o caminho para uma nova forma de utilização de materiais já existentes. (CLARK, 2001). Turner fez um uso diferente de idéias que já germinavam e com elas construiu formulações próprias.

Partindo dos pontos mais gerais expostos acima, proponho agora voltar atenção para a estrutura do drama social. Turner, dizem alguns historiadores e confirma ele mesmo, inspirou-se em sua experiência de infância no teatro, o trabalho de sua mãe, para montar uma análise dramática. Afinal, fica muito claro que ele constrói o texto de forma que a tensão vá crescendo e se intensificando até que no fim aconteça o desfecho que seria a fissão na aldeia, prevista por ele. A fissão coincidiria com o fim do espetáculo teatral dramático, onde tudo termina com o destino sendo confirmado. O efeito de suspense colocado no texto é o de que algo aconteceria e a vila seria dividida. Ele chega a comparar o drama da vila Ndembu ao

⁵ Durante toda sua carreira Turner dá algumas pistas de seu apego as idéias evolucionistas. No texto "Liminal to liminoid, in play, flow and ritual" (1982) , por exemplo, ele diferencia sociedades primitivas (estáveis, cíclicas, e repetitivas) das sociedades industriais.

teatro grego no qual o destino (*Moira*)⁶ é substituído pela estrutura. Porém, no fim, observamos que a divisão vilareja não acontece. Isto porque a vontade da estrutura é sempre soberana.

O drama tem quatro fases recorrentes: quebra, crise, mecanismo regressivo e resolução da crise. Sua forma é processual, ou seja, cada fase se sucede a anterior. Nesse movimento, só existem duas possibilidades finais para o conflito: a reintegração ou o cisma. É importante dar atenção a um fator importante na estrutura conceitual do drama. Seu efeito é sempre uma mudança. Mesmo que as etapas sejam as mesmas, sua atuação levará a um ponto diferente. É como se sua forma fosse representada por uma espiral: a solução do conflito leva o indivíduo a outro lugar e reproduz a estrutura. No momento do conflito deflagrado existe a necessidade de se fazerem ajustes nas relações para que a coesão entre os indivíduos e a manutenção estrutural seja possível.

Por exemplo, no drama social I temos o caso do líder *Kahali* enfeitiçado por seu sobrinho *Sandombu*. Já explicamos acima que *Sandombu* aspirava a liderança da aldeia. Neste primeiro caso, ele desafia diretamente seu tio e também uma regra de conduta Ndembu. Ele mata uma caça e não dá a *Kahali* a perna traseira e o peito do animal, como era o costume (quebra). Ele lhe deu a perna dianteira. *Kahali* reage dizendo-se desrespeitado por *Sandombu*. *Sandombu* vai trabalhar fora da vila. Seu tio vai a sua casa e obriga a esposa de *Sandombu* a cozinhar para ele. Quando ele volta e fica sabendo disso, sai da aldeia furioso.

A este desentendimento entre dois indivíduos seguem-se uma série de acontecimentos que envolvem toda a vila Mukanza (crise). Há uma reunião na praça pública onde todos ouvem as queixas do chefe e discutem sobre a atitude de *Sandombu* (mecanismo regressivo). Alguns dias depois, *Kahali* morre. *Sandombu* passa a ser suspeito de ter provocado essa morte com feitiçaria. Ele é acusado inclusive por seus irmãos. A impressão que o leitor tem é que *Sandombu* seria expulso definitivamente da vila até que por falta de provas é aceito de volta (resolução da crise – reintegração). Este drama termina com a nomeação de *Mukanza* como líder da aldeia.

Na análise do drama, Turner tenta compreender o que está por trás dessa intriga. E diz que a resposta para a compreensão do problema está na genealogia da aldeia. Com a morte de *Kahali*, que era suspeito de feitiçaria, haveria necessariamente uma sucessão. Se *Sandombu* quebrou as regras foi justamente por que não era o mais adequado para o cargo. Ele era

⁶ Durante minha graduação realizei um estudo a respeito da tragédia grega *Antígona*, escrita por Sófocles. Nesta tragédia, a personagem principal está marcada para sofrer as consequências previstas por uma desobediência às

egoísta e suspeito de feitiçaria. Já *Mukanza*, congregaria em si, a união entre as duas linhagens que compunham a vila. Fatores esses que favoreciam sua nomeação.

Para justificar o uso da crise como mecanismo de reprodução social, Turner a denomina como parte regular do processo social. A erupção de conflitos obedece a um padrão dentro da estrutura, porém, sua solução leva as relações a um outro patamar. Afinal, em toda interação há padrões normativos e aspirações individuais. A individualidade expressa a quebra dos padrões e a consequente mudança. Sandombu tinha uma personalidade forte e gerava em torno de si conflitos que no fim foram favoráveis a reprodução da estrutura da aldeia. Ao desobedecer uma norma, ele nada mais faz que mostrar-se inadequado para exercer a função de líder e confirmar a escolha de *Mukanza*. Na fase do drama onde ocorre a reintegração, está implícito o conceito de equilíbrio social (TURNER, 1957, p.161). Um equilíbrio que se dá entre dois polos: os interesses interrelacionados de pessoas e grupos e os ajustes feitos para resolver a instabilidade.

Mas como esse equilíbrio é restaurado? A resposta a essa questão nos leva a conceituação e a aplicação etnográfica dos rituais.

Turner conceitua o ritual como o “mecanismo pelo qual o grupo retira o impulso anárquico que contraria as normas e valores cruciais” (TURNER, 1957, p. 124). Em seu texto *Ritos e cerimônias Lunda*, Turner já havia narrado ritos de aflição e crises de vida e em *Cisma e Continuidade* faz referência a essa obra diversas vezes. Creio que este recurso o ajudou a não repetir tudo que já havia escrito usando apenas o caso da descrição do rito realizado para Nyamukola para ilustrar como o ritual atuava na aldeia Mukanza.

Durante os dramas narrados faz-se apenas uma menção rápida sobre a realização de rituais sem maiores detalhamentos dessas cerimônias específicas. Isto porque nessa obra, Turner vê o ritual como um acessório, como uma cola (*bond* – em inglês), como um favorecedor da coesão social ao fazer surgir compensações ou mecanismos regressivos para tensões (DEFLEM, 1991, p. 3). Ele auxilia na restituição das relações entre indivíduos, dentro da vila Mukanza e entre as aldeias Ndembu. Para tanto, o ritual funciona como um armazenador de conhecimentos.

Um exemplo dessa função ritual está presente no drama social II, no qual *Sandombu* quebra novamente uma regra de conduta ao bater em sua esposa *Zulyiana*, somente porque ela havia preparado uma quantidade menor de cerveja do que ele havia lhe ordenado. Essa briga é causada por um engano. *Sandombu* se confundiu achando que seria realizado um ritual

leis. Como num jogo entre impossibilidades – obedecer ao decreto do rei ou enterrar seu irmão – Antígona está sempre exposta às consequências do destino (*Moíra*) das quais nenhum ser vivo pode se livrar (SILVA, 2001).

Nkang'a⁷ - que envolve um grande número de pessoas. Na verdade o rito realizado foi o Nkula⁸.

Quando *Sandombu* está batendo em sua esposa, *Benson*, um jovem, retira o bambu de suas mãos e eles discutem. *Zulyiana* foge e *Sandombu* é visto circundando a plantação. Alguns suspeitaram que ele novamente estava praticando feitiçaria. Acontece que na manhã seguinte, *Nyamwaha*, irmã de *Mukanza* (chefe), cai doente e morre. *Sandombu* é acusado da morte e é expulso novamente da vila.

Passado algum tempo outro suspeito surge. *Sandombu* é aceito de volta com a condição da realização de um ritual que aplacaria a fúria da morta. Ele compra um bode e realiza o rito. No fim, ele e *Mukanza* se reconciliam.

Na análise do drama, Turner apontou o fato de que o ritual feito ao fim da crise realinhou a solidariedade dos Nyachintang'a (TURNER, 1957, p. 121). Fica claro que o lugar do ritual é justamente o de facilitar a união das linhagens e dos habitantes da aldeia. Através de uma quebra normativa, o ritual possibilita a absorção da mudança.

O papel do ritual na coesão das aldeias também se faz pleno, se observarmos a composição da comunidade moral de participantes. Essa comunidade não se formava especificamente de parentes de uma linhagem ou de chefes das tribos. Ela possuía uma composição mista e propunha uma inversão hierárquica nas posições tradicionais da aldeia: mães sendo cuidadas por filhos; pais sendo cuidados por primos etc. A primeira condição para participar da comunidade ritual era ter sofrido uma experiência de aflição⁹. A cada participação em um tipo de ritual, maior o conhecimento adquirido pelo indivíduo no que diz respeito as técnicas, aos objetos, as ervas e as músicas utilizadas no evento. Os rituais possibilitavam também uma inversão espiritual. Afinal, o mesmo espírito ancestral que prejudicava aquele que foi paciente, no próximo momento lhe conferia os poderes necessários para que se tornasse um ajudante, oficiante ou doutor.

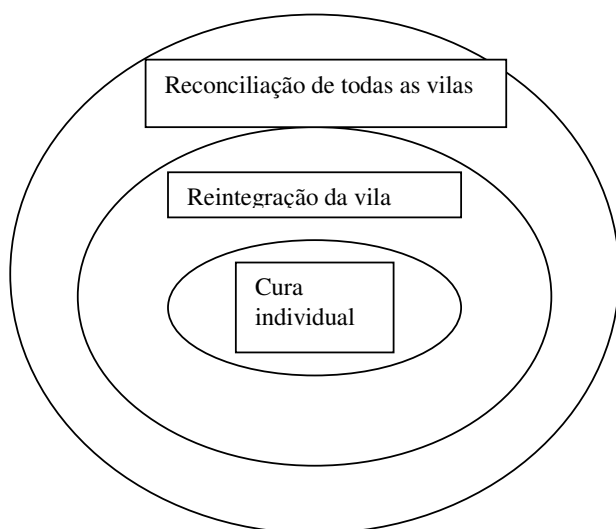
Outra função importante dos rituais de aflição era sua propriedade de contenção da amnésia estrutural. A composição móvel da sociedade Ndembu era balanceada pela obrigação de construir santuários, recitar os nomes dos parentes falecidos e fazer-lhes oferendas. Conectando vivos e mortos, o sentimento de pertencimento à família matricêntrica era ativado. Nos dramas apresentados, havia sempre referência a um agente sobrenatural influenciando nas disputas sociais. Isto porque, na argumentação turneriana, a aparente

⁷ Rito feminino de crise de vida que simboliza a passagem da infância de uma menina para a idade adulta.

⁸ Culto de aflição feito para problemas de fertilidade. Neste caso, uma desordem menstrual.

discussão entre indivíduos escondia uma desobediência às regras da sociedade e a consequente obrigação para com os ancestrais. Neste contexto, o ritual entrava em cena valorizando as normas sociais através dos símbolos, formas, preces, preceitos e associações que evocava. Nos infortúnios, na crise, estava posta a condição primeira para a renovação de valores sociais comuns a todos os Ndembu.

A aflição de um era aflição de todos. Num gráfico bem simples podemos definir como funcionam os rituais, tendo um efeito congregador.



No ritual Chihamba¹⁰ feito para curar Nyamukola de seus problemas menstruais o autor convida o leitor a pensar neste efeito. Turner enumera as funções do ritual:

1. a cura de Nyamukola e a iniciação de outros membros nesse culto de mistério – manutenção do bem-estar físico dos indivíduos;
2. a reintegração da vila Mukanza que fora alvo de seguidas dissensões – manutenção das relações internas;
3. a reconciliação com outras vilas pobres – criar clima amigável e de cooperação entre vilas. (TURNER, 1957, p. 310)

Turner afirma que para compreender as implicações sociológicas do ritual fará essa análise do Chihamba. Porém, um exame detalhado da estrutura cultural do ritual Ndembu será

⁹ A definição que Turner dá aos ritos de crise de vida e aos ritos de aflição é a mesma que já foi exemplificada acima quando falei da obra ritos e cerimônias lunda.

¹⁰ Culto de aflição feito para sanar problemas de fertilidade.

feito em outra obra. Mas como já foi demonstrado no quadro, o ritual para ele também acontece para reforçar a estrutura social da aldeia.

Na conclusão deste trabalho, Turner afirma que o que o moveu a realizá-lo foi demonstrar que formas gerais têm sua vitalidade nas particularidades (TURNER, 1957, p. 329). Assim, seu experimento de micro-sociologia revela como no tempo do drama social os conflitos são resolvidos e absorvidos em forma de readaptação da aldeia.

Depois de elucidados os conceitos de drama social e de ritual e suas aplicações etnográficas, resta agora compreender a estrutura cultural do ritual que convive com a estrutura social Ndembu. Turner ensaia os rumos futuros de sua obra no texto *Betwixt and between*.

3. O cisma na vida: *Betwixt and between*

Farei agora um brevíssimo relato das considerações deste texto a respeito dos rituais de passagem. Meu objetivo é gerar um efeito de contraste entre as interpretações feitas em *Cisma e continuidade*, obra central desta análise, e o momento de rompimento de Turner para com a Escola de Manchester. Ao escrever *Cisma e continuidade*, Turner, que já demonstrava o desejo de se dedicar aos rituais, mais especificamente recebeu de Gluckman um conselho: “depois que defender esta dissertação, estará em posição de analisar os rituais” (Deflem, 1991, p. 4) Isso aconteceria um tempo depois. Adam Kuper já chamava a atenção para um período de transformação da antropologia inglesa onde vários antropólogos buscavam seu próprio terreno nas universidades. Turner, segundo ele, voltou as costas à sociologia da Escola de Manchester e se lançou na análise hermética dos sistemas do simbolismo ritual (KUPER, 2005, p. 220). Neste momento de sua vida, o autor dá um novo passo em direção a seu futuro.

Salta aos olhos de quem lê *Betwixt and between* a ênfase dada por Turner aos ritos. Se em *Cisma e continuidade* os ritos têm uma função acessória de unir uma “comunidade em crise”, aqui eles desempenham o papel de transformar comportamentos através da produção de ambiguidades exploradas em suas máximas consequências no papel dos símbolos rituais.

A partir de uma discussão com Arnold Van Gennep (1977) a respeito dos ritos de passagem e de como eles atuavam nas transições sociais, Turner toma a posição de enfatizar uma das fases do ritual e de dar-lhe um sentido muito mais dinâmico. Com esse método ele objetivava compreender qual a função da ambiguidade e como através delas novas formas de ver e de lidar com o mundo são produzidas. Para compreender o papel dos rituais ele

focalizou o período de margem ou de transição entre estados. Em Van Gennep, o período de margem já era tido como marcador de fronteiras e possibilitador de transformações individuais. Nosso autor, porém vai desvendá-los num duplo movimento: do aparente ao latente, do explícito ao implícito. Para tanto, explica a iniciação ritual em suas várias facetas questionando e explicando símbolos, comportamentos e ensinamentos.

Aqui, os componentes do rito se unem provocando uma reflexão que leva à mudança. Ao ver imagens monstruosas e desproporcionais, ao ouvir canções e ficar confinado, ao descobrir os mistérios, o iniciado participa de uma experiência onde ele é e não é, onde está e não está, até que na resolução da ambiguidade ele seja recriado e se transforme em outra pessoa. Esse transformar-se, requer, segundo Audrey Richards (1956), uma mudança ontológica que será processada no ritual e através dos ensinamentos esotéricos. Por isso, cada símbolo guarda em si mesmo uma agência conferida pelo ritual e que não pode ser reproduzida. Através de uma experiência forte, a menina iniciada no Chisungu se transformará numa mulher.

A partir deste ponto, Turner chama atenção para a complexidade cultural Ndembu e aposta que sua análise pode fazer compreender as peças angulares daquela sociedade. Ele então expõe as características dos sacra, os objetos rituais, e como eles comunicam. Ele afirma que esses objetos diferentes têm um objetivo claro: provocar a reflexão. Afinal, no contexto ritual cada coisa representada é mais do que parece ser, os objetos possuem múltiplos significados. Refletindo sobre seu atual estado, sobre os objetos e sobre o momento no qual se encontra, o iniciado adquire uma nova percepção do mundo que processará nele um novo status.

Com esta pequena exposição, apenas quis chamar a atenção do leitor para o enfoque mais profundo, central e livre dado por Turner aos rituais. Se ele já não era mais tão comprometido com os princípios da escola de Manchester, e se já havia passado por inúmeras experiências transformadoras, certamente esteve mais livre daqui para frente para trilhar caminhos inovadores e experimentais. E é isso que faço neste artigo, explorando a experiência no ritual como uma vívida produção de mudança individual.

Conclusão

Desenvolvendo meus argumentos, defendi a idéia de que existe uma convergência entre as mudanças da vida pessoal e acadêmica de Turner e as diferentes análises que faz nos textos acima apresentados. Não há aqui o surgimento de mudanças radicais mas apenas ensaios do

que aconteceria futuramente com seu crescente jogo entre as várias linhas de análise que compõem sua obra.

Chamei atenção para três experiências fundamentais: quando ele resolve estudar antropologia, ao escrever sua dissertação e ao romper com a escola de Manchester. Esses movimentos profissionais estão intimamente ligados a vivências pessoais: viagens, mudanças, crises e dúvidas. As posições tomadas possibilitam um crescimento e uma mutação de idéias. O que quis demonstrar é que na interação, no convívio num tempo e com um grupo de pessoas específicos, o indivíduo adquire maturidade e novas formas de ver o mundo e habitar nele. Há uma junção entre experiência e mundo (composto por vários seres) que dão as possibilidades de ação ao ator social. Turner teve várias experiências e aproveitou-as construindo idéias.

Sendo assim, ao contrastar as três obras colocadas aqui, tive a intenção de demonstrar como mesmo dentro de sua produção estrutural-funcionalista já estavam lançadas as sementes da mudança. Esta só se concretizaria nas análises futuras onde Victor Turner lança-se na busca que se dá através do teatro e da experiência.

Espero ter conseguido fazer o leitor caminhar comigo na trilha de um percurso longo, repleto de esquinas e despenhadeiros, com curvas sinuosas e pontos de fuga onde muitas vezes foi preciso parar, respirar, repensar e tomar decisões. Ao voltar, consolidar relações. Ao romper, abrir imensas e fortes possibilidades...

Referências bibliográficas:

BEIDELMAN, Thomas O. Swazi Royal Ritual. *Journal of the International African Institute*, v. 36, n. 4, oct., 1966, p. 373 – 405.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Drama social: notas sobre um tema de Victor Turner. In: *Cadernos de campo*. São Paulo: USP, 2008.

CLARK, Andy. 2001. Being, computing, representing. In: *Being There: putting brain, body and world together again*. London: MIT Press, p.143-176.

DAMATTA, Roberto. Individualidade e liminaridade: considerações sobre os ritos de passagem e a modernidade. Rio de Janeiro, *Mana* 6 (1): 7 – 29, 2000.

DAWSEY, John C. Victor Turner e a antropologia da experiência. In: *Cadernos de campo*. São Paulo: USP, v. 13, 2005.

DEFLEM, Mathieu. Ritual, anti-structure and religion: a discussion of Victor Turne's processual Symbolic analysis. *Journal for the Scientific Study of Religion*, 1991, 90 (1): 1 – 25.

GLUCKMAN, Max. O material etnográfico na antropologia social inglesa. In: ZALUAR, Alba (Org.). *Desvendando Máscaras sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

----- . *Rituais de rebelião no sudeste da África*. Brasília: Editora da UNB, 1974.

----- . *Seven-year research plan of the Rhodes-Livingstone Institute of Social Studies in British Central Africa*. London: Journal of the Rhodes-Livingstone, 1945. 34p.

----- . *The craft of social anthropology*. London: Tavistock Publications, 1965.

KUPER, Adam. *Antropólogos e Antropologia*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

----- . Colônias, metrópoles: um antropólogo e sua antropologia. *Mana* 6 (1): 157 – 173, 2000.

----- . Histórias alternativas da antropologia social britânica. *Etnográfica*, v. 1, IX (2), 2005, p. 209 – 230.

KUPER, Hilda. A ritual of kingship among the Swazi. *Journal of the International African Institute*, v. 14, n. 5, jan. 1944, p. 230 – 257.

RICHARDS, Audrey. *Chisungu: a girl's initiation ceremony among the Bemba of Zambia*. New York: Routledge, 1992.

SILVA, Andréia Vicente da. *Casamento e morte: rituais de participação ativa da mulher na Atenas clássica*. Monografia de Graduação. UERJ: Rio de Janeiro, 2001.

TURNER, Victor W. *Floresta dos Símbolos: aspectos do ritual Ndembu*. Niterói: Eduff, 2005.

----- . *From ritual to theatre: the human seriousness of play*. EUA: PAJ Publications, 1982.

----- . Lunda rites and ceremonies. *The occasional paper of the Rhodes-Livingstone Museum*, New Series, n. 10, 1953, p. 335 – 388.

----- . *Schism and continuity in an African Society: a study of Ndembu Village Life*. Manchester: Manchester University Press. 348 p.

The crisis of belonging: ritual and social drama in the work and life of Victor Turner

Andréia Vicente da Silva
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPCIS/UERJ)

Abstract: In this article I analyze social drama and ritual concepts and apply those to different stages of Victor Turner's life and work. The contrast between those two moments of his existence, as well as his theorizations, leads us to affirm that the rupture and anxiety experiences endured by this social author/actor led him to other ways of observing and acting in the world. He acquired this new sensibility after his fieldwork with the Ndembu. After that, the social drama of his "natives" became in a way his own drama and his path reflected the doubts and the certainties of a great anthropologist involved in an afflictive ritual of fundamental changes and decisions.

Key words: Social drama. Ritual. Experience.

ANEXO

